O Grupo Clã — esclareçamos — foi um dia tomada de posição, movimento literário de modernização de nossas letras, quando já havia esfriado o Modernismo aqui inaugurado com os poetas de *Maracajá* e *Cipó de Fogo*. Com o tempo, foi perdendo esse sentido de movimento revolucionário (como aliás seria de se esperar), até transformar-se numa agremiação aberta, na qual vão ingressando outros nomes de nossa literatura, como foi o caso dos últimos nomes apresentados.

Ressalte-se, em conclusão, um fato curioso: conseguindo o grêmio sobreviver por tantos anos, nenhum de seus componentes, ao que saibamos, jamais se desviou dos objetivos literários que uniram a todos, na hoje distante década de 40.

OUTRAS FIGURAS

Fora do Grupo Clã (antes, paralelamente ou depois) surgiram e se projetaram vários nomes que, pela sua importância, e também pela época em que se iniciaram literariamente, devem figurar neste capítulo. Escolhemos apenas os que nos pareceram mais significativos, dentro duma faixa que reconhecemos abranger período relativamente longo, pois engloba autores que poderiam ter figurado no primeiro momento modernista e outros que quase poderiam ser considerados representantes dos "novos".

RAIMUNDO GIRAO

Nasceu em Morada Nova, em 3 de outubro de 1900. Formado pela Faculdade de Direito do Ceará, doutorou-se pela mesma Faculdade. Tem exercido a advocacia, e ocupou os cargos de Prefeito Municipal de Fortaleza (1933-34), e de Ministro do Tribunal de Contas do Ceará, bem como o de Secretário de Cultura do Ceará; membro da Academia Cearense de Letras, da qual foi Presidente, e do Instituto do Ceará. Historiador, genealogísta e economista, pratica também o ensaio

literário. De sua bibliografia, vasta e importante, destacaremos as seguintes obras: Esboço de Uma Genealogia (1937), O Ceará, em colaboração com Antônio Martins Filho (1939, 2.ª ed., 1945, 3.ª, 1966), O Comendador Machado e Sua Descendência (1942), Cidade da Fortaleza (1945), História Econômica do Ceará, (1947), Bandeirismo Baiano e Povoamento do Ceará (1949) Pequena História do Ceará (1953, 2.ª ed., 1962, 3.ª, 1971) A Abolição no Ceará (1956, 2.ª ed., 1969), Geografia Estética de Fortaleza (1959) e História da Faculdade de Direito do Ceará (1960), e Palestina, uma Agulha e as Saudades (1972), este de memórias; Famílias de Fortaleza (1975) e A Academia de 1894 (1975). Botânica Cearense na Obra de Alencar e Caminhos de Iracema (1976).

OS BRAÇOS DE MEU PAI

Vi-os sobre o seu corpo no caixão funéreo. Nunca os vira assim imóveis, inertes, impotentes. Faz dez anos, hoje.

Os braços que ali estavam não eram mais os braços de meu pai, antes nem um só momento repousantes, quedos, em descanso. Sempre os vira em movimento, como que esgrimindo e na verdade lutando, construindo na ânsia de trabalhar, no insofrido, impaciente, incontido desejo de não parar.

Nas madrugadas aurorais do sertão já estavam a mover-se empenhados nas labutas suarentas do campo, que ele era do sertão, fundamente campônio, integrando-se no amanho difícil da terra e no pastoreio perigoso dos gados nas caatingas. E os dias todos, as horas todas, os minutos todos, aqueles braços másculos não cessavam de agitar-se como braços de guerreiros lendários em duelos renhidos.

Mas as maldades da politicagem forçaram-no a emigrar de lá, de sua fazenda, do seu chão nativo do seu rio decantado — o Banabuiú de Morada Nova, "Deus magnífico, protetor das plantas e dos animais, bendito pelas estrelas nas alturas, e a quem, na imponente nave da terra, os ventos entoam exaltações, vibrando, festivos e farfalhantes, nos vastos car-

naubais", — e o trouxeram para outro cenário todo diverso, o da serra, em Maranguape, o cenário alto de um sítio ali, no mais alto da montanha, adquirido quase em abandono, o mato tomando conta de tudo. E ei-lo com seus braços, eis os braços de meu pai a por as coisas em febril apresto para a transformação produtiva — as laranjeiras carcomidas mudadas em laranjais, pomosos, os velhos cafeeiros, agora, feitos cafezais em flor, os roçados sáfaros estuando em bananais abundantes.

E os braços não tinham sossego, de manhã até noite, fazendo, desfazendo, refazendo e plantando e regando e podando e colhendo, ajudados pelos meus doze anos e os dez do Raul, anos de recordações já distantes, ajustados nós ambos por força do exemplo e da necessidade ao ritmo de trabalho daqueles braços. Dobravam os nossos ombros de menino ao peso dos fardos de frutas e ao da gravidade, puxando para baixo, nas ladeiras íngremes, desde que o sol se anunciava, rasgando o nevoeiro denso e aliviando um tanto o frio da serra, dilacerantemente frio, e até que resolvia esconder-se, tarde triste, nas quebradas do poente, onde reboavam os retinidos metálicos das minúsculas arapongas como que saídos da bigorna de ferreiros coléricos e invisíveis.

E os braços de meu pai refizeram o desgosto da saudade do sertão, da pobreza com que o exílio o feriu. Recuperaram o sítio, refizeram o pão de cada dia, refizeram a roupa da família, amenizaram os sacrifícios de minha mãe na solicitude de cada instante maternalmente santa no auxílio que nos dava, resignada e forrada de ânimo, fabricando doces e bolinhos que vendia vintém a vintém, para jogar no mealheiro das despesas a sua admirável, sagrada contribuição.

Depois, veio o Sousa para a Capital, atraído por mão amiga, para os misteres de uma escrivania do foro, que encontrou em desmantelo e desordenado atraso, tal como o sítio da serra. E os braços de meu pai transplantaram-se para nova lida, diferente, toda outra, e consertaram o cartório e deram marcha aos processos, garantiram a confiança das

partes, conquistaram a estima dos magistrados — os sacerdotes daquele buliçoso templo da Justiça.

Não estancaram de um segundo sequer aqueles braços de coragem e de fé, escrevendo com letra firme e cheia de tinta e dignidade, as peças processuais, as certidões, os mandados, os depoimentos e — o que ele fazia com maior contentamento — os alvarás de soltura de culpados que a ignorância e a crueldade da sorte haviam empurrado às desgraças e agruras das prisões.

E o Sousa Girão fez-se o serviçal do templo, multiplicando favores e dando azos à sua bondade desafeta, à sua obsequiosidade que não pretendia volta, nem uma vez negando ou se escusando, antes sempre compreensiva, indulgente, tolerante para quantos a solicitavam — advogados juízes, litigantes e réus, misturados no afã das defesas e das acusações, dos despachos e das sentenças.

Durante mais de trinta anos praticou o bem e foi útil, servindo com desinteresse, dando de si cordial e satisfeito, espontâneo e simples, na sua função pública e nos deveres do seu CONSULADO de mil providências em benefício de parentes e estranhos, sempre com os seus braços que os meus olhos fitavam agora sobre o corpo, sobre o peito com um coração sem sangue e sem calor, não mais a pulsar, como tanto pulsara dantes, pelos bons intentos, pelas probas atitudes sem qualquer mácula de ódio ou malquerença.

A morte prostara os braços vigorosos de meu pai naquele silencioso adormecimento, que a dor dos filhos e da segunda esposa haviam enfeitado de flores, e nunca mais havia de ver fortes, diligentes, lestos, operantes, paternais, acolhedores, nunca mais havia eu de os ver fazendo, desfazendo, refazendo.

Os braços de meu pai não eram mais os braços de meu pai.

(Raimundo Girão. Palestina, uma Agulha e as Saudades. Fortaleza, 1972, pp. 114-6.)

Historiador de grande envergadura, Raimundo Girão aparece-nos aqui, entretanto, através do memorialismo: ao longo

de seu livro Palestina, uma Agulha e as Saudades (1972), algumas vezes abre parênteses para transpaginar trechos de sua própria autoria, redigidos noutra época, mas que julga oportuno reproduzir. É o caso da página presente, que, escrita em 1955, figurou na Antologia Cearense (1957), organizada pela Academia Cearense de Letras. Trata-se de uma comovida crônica, em que o escritor, ao ver diante de si o esquife de seu pai, sente de imediato o contraste chocante: estão imóveis os braços de seu pai, aqueles braços que ele, filho, desde criança, se acostumara a ver constantemente em incansável labuta. Essa lembrança vai desencadeando uma série de reminiscências, onde surge o pai a trabalhar nos sertões natais, amanhando a terra, tratando das árvores na serra ou afinal, em Fortaleza, a redigir os despachos do cartório. O "consulado" a que se refere o parágrafo antepenúltimo é a casa do velho Girão, como ficamos sabendo a partir deste trecho de outro capítulo do mesmo livro de Raimundo Girão: "A nossa residência parecia um consulado de aflitos e asilo de doentes, vindos de Morada Nova, de Maranguape, de muitas partes." A rigor, o texto acima não se enquadra no terreno da ficção; todavia, não obstante tratar de fatos reais, em torno da vida e da morte do pai do escritor (Luís Carneiro de Sousa Girão, por muitos anos Escrivão do Crime, Júri e Execuções Criminais de Fortaleza), impregna-se de uma linguagem puramente literária, dando-nos uma página de forte densidade dramática, tendo como leitmotiv a afirmação: "Os braços de meu pai não eram mais os braços de meu pai." Estamos portanto diante da transfiguração de uma realidade, trabalhada com força poética através de uma linguagem artística.

JOÃO JACQUES

JOÃO JACQUES Ferreira Lopes — Nasceu em Fortaleza, no dia 27 de janeiro de 1910. Jornalista, cronista e poeta, foi um dos criadores do jornal modernista Cipó de Fogo, em 1929, tendo sido, por muito anos, redator d'O Povo. Exerceu as fun-

ções de Secretário de Educação da Prefeitura Municipal de Fortaleza. Alto funcionário do Banco do Nordeste, dirige atualmente a Empresa Cearense de Turismo, EMCETUR. Publicou: Aspectos Econômicos do Ceará (1954), Alma em Corpo Oito (1964), A Grande Viagem (1966), Os Cardeiros Sangram (1968), Uma Fantasia e Nove Histórias Reais (1969) e A Prece do Menino Aflito (1971), este último de poemas. É membro da Academia Cearense de Letras.

O DERRETIDO

Em casa de minha madrinha Maria Guimarães há um livro que data de 1929 e em que registram seus nomes. como romeiros de uma nova Meca, todos os que sobem a encosta da Aratanha, entre Pacatuba e Guaiuba, e vão visitar o invejável sítio Cachoeira, onde se fabrica o melhor doce de goiaba que conheço.

Nas suas páginas amarelecidas pelo tempo, lêem-se firmas de bom cursivo e advinham-se garatujas tanto de gente representativa na política, na sociedade e nas letras, como de simples hóspedes da minha marca, que se prevalecem da tolerância alheia para desfrutar alguma cousa de bom na vida.

O rol dos inscritos sobe a mais de mil. Bem poucos, porém, para não dizer nenhum, foram olhar de perto, naquelas redondezas deleitosas, a nesga de terra em declive que serviu de palco a uma das mais trágicas histórias de inverno rigoroso no Ceará. O lugar denomina-se Derretido e nele ainda se encontram os vestígios claros e telúricos da erosão provocada pela água.

Entre as bananeiras, na metade da ladeira, a casinha de palha de Sebastião, antigo morador do sítio, era o alvo predileto das bátegas rugidoras. Zefinha, sua mulher, que esperava descansar, já nos últimos dias, acordou o marido, como de costume.

— Levanta, homem.

Gotejava por todos os recantos. Nas redinhas de Manuel, Maria e José os pingos caíam sistemáticos, sem respeito algum à pobreza e à inocência em pleno sono.

- Isto é uma peneira...
- Que diga.

Lá embaixo, o rio avolumava, roncando no leito como um bêbado empanturrado. A folhagem em redor, aberta em toldos, carpia sinistramente ao relho líquido que a fustigava impiedoso.

Relâmpagos clareavam as arquibancadas vegetais das encostas que ali formam um grande bolso natural. Coriscos es grimavam em duelos de morte. E reboavam no ambiente eletrizado os aplausos dos trovões a cada golpe de fogo dos céus.

De repente, um estalo maior abala os cimos da serra. Um olho d'água, bem no cocuruto, havia começado há dias um trabalho de lenta infiltração. O solo estremecido naquele instante perde a força coesiva de velhos ligamentos. Dá-se a ruptura calcária de antigas soldas. Afrouxa-se o barro encharcado. Satura-se a areia em muitos pontos. E escorrem as primeiras camadas, descamando os nervos das raízes e os ossos das pedras. Verdadeiro vulcão de lavas frias...

Zefinha olha os filhos já de pé, a seu lado, encolhidos e amparados sob a asa protetora de seu braço como pintainhos arrepiados de espanto. Todos tinham as mesmas pupilas crescidas de pavor e incompreensão. E o sentido oculto que as mães possuem à hora do perigo a adverte em tempo.

— Vamos pro lado de fora, Sebastião, se não isso acaba caindo em cima da gente.

Assim que puseram o pé no terreiro, enrolados em panos, uma pedra se desprendeu da sua base secular e levou na precipitação a casinhola do humilde morador.

Outras moles imitaram a primeira, numa carneirada litológica. O mundo parecia ruir, desmoronado por gigantes malfazejos. Massarandubas inteiras desciam do alto num aprumo de rainhas diante da morte. Paus-d'arcos anosos, que sempre floriam no estio, retiravam-se de campo, serra abaixo, compelidos pela estratégia dos elementos em fúria. Laranjinhas, camuzés, ingazeiras, jatobás e abacateiros despenhavam-se em pânico.

— Sebastião, isso é castigo. Meu Deus, valei-me

Zefinha, o esposo e os meninos já estavam no chiqueiro dos porcos, agarrados aos troncos de carnaúba que serviam de cerca aos bichos que criavam. Ora queria ela atirar-se ao rio, entrando para a imensa enxurrada, ora volvia a valer-se dos santos e dos seus protetores na terra. Para esses últimos gritava a plenos pulmões:

— Acuda-me, comadre Maria! Socorro, compadre Coelho! Em vão. Os gritos perdiam-se na vociferação da natureza rebelada.

Este ano já fui à casa de minha madrinha Maria Guimarães. Estive no Derretido, onde me encontrei com um velhinho roçando capim. Curioso, indaguei:

- O Senhor não sabe o que é feito de Sebastião?
- Casou-se de novo. Mora no Guarani.
- E os órfãos?
- Nem sei por onde vivem, se espalhados ou com a madrasta. Outro dia, um deles, já rapaz, andou por aqui.
- Quer dizer que por estas redondezas não resta mais nada da Zefinha?
- Isso não, isso não! A casa dela deve estar lá, no mesmo cantinho, embora não se veja. Ninguém se atreve a mexer no lugar em que ela outrora se erguia, com as janelas azuis dando pro nascente. Todo mundo respeita esse pedaço de terra. Não há quem tenha coragem de levantar uma barraca, de plantar uma roça no mesmo sítio, nem profaná-lo quando pisa nele.
 - Com medo naturalmente de outro derretido...
 - Não. Com medo dela.

- Deixe de abusão, velhinho, aconselhei, sorrindo da sua ingenuidade.
- Quer ver? Escute. O capinzal gemia às virações, uivava aos ventos.
- É ela chorando. É ela se valendo. É ela querendo salvar os meninos. Mãe não descansa, seu moço...

(João Jacques. Uma Fantasia e Nove Histórias Reais. Fortaleza, IUC, 1969, pp. 15-8; 20.)

Na "orelha" do livro, após relatar que o próprio autor lhe dissera escrever seus contos à sua maneira, observa Moreira Campos: "Contos a seu modo, repito: com começo, meio e fim; verdade intrínseca da narrativa, contada à maneira tradicional, que nos envolve, nos enreda, nos chama e nos satisfaz, embora fiquemos, comumente, imersos na dor." As histórias de João Jacques são, com efeito, contadas à velha moda. seguindo uma cronologia, e com enredo claro; mas o importante é que nos atraem e nos satisfazem. Podemos até dizer que o fato de serem narradas à antiga mais as aproxima dos casos verídicos que ouvimos, em criança, na calada da noite; é o que se dá com o conto que escolhemos, "O Derretido": a abertura e o encerramento, aliás dão-lhe o cunho de veracidade: não pudemos transcrevê-lo por inteiro, mas o leitor evidentemente sentiu, pelos trechos reproduzidos, que na desgraça que se desencadeou sobre a região, naquela noite (foi em 1927, diz o autor num parágrafo não transcrito aqui), pereceu a Zefinha, mulher do Sebastião. Temos aqui três excertos do conto: o primeiro situa o palco onde se teriam passado os acontecimentos; o segundo, pinta a própria tragédia; o terceiro, por fim, revela-nos o destino das personagens, anos após o acontecido. Na segunda parte, temos uma amostra da perícia do escritor em nos descrever com vivacidade os lances da tempestade: logo após um curto diálogo, em que se destacam o laconismo e o linguajar do cearense ("- Isto é uma peneira..." "-Que diga."), entra em cena o ronco soturno do rio avolumando suas águas, assim como os coriscos que riscam os céus e os trovões que estrondam. O parágrafo que fala dos deslizamentos da terra é de uma nitidez e de um movimento cinematográficos. Assim ocorre igualmente com a avalancha que leva de roldão árvores inteiras e pequenos arbustos; aos roncos dos elementos naturais unem-se palidamente os gritos de Zefinha. No final, destaca-se, através do velho lavrador, uma nota regional, de profunda força poética: a presença do sobrenatural.

MANOEL ALBANO AMORA

Nasceu em Fortaleza, em 19 de outubro de 1915. Historiador, ensaísta, professor e poeta, foi Procurador da República e Subprocurador Geral do Estado; exerceu as funções de Curador das Massas Falidas e Acidentes do Trabalho, sendo ainda professor da Faculdade de Direito do Ceará, membro do Conselho Penitenciário e do Conselho Estadual de Cultura. Fundou, com Antônio Girão Barroso, a revista Letras. Publicou: Manhã de Amor (1938), Justiça do Trabalho (1941), Felino Barroso (1947), Elogio de Tomás Lopes (1956), A Academia Cearense de Letras (1957), Máximas e Palavras Latinas no Direito Internacional Privado (1965), As Conservatórias Britânicas (1966), Literatura Cearense do Direito Internacio nal Privado (1968), Pacatuba — geografia sentimental (1972) e Céu Azul, Verde Mar (1973), além de inúmeros ensaios históricos e jurídicos em revistas e jornais. Membro da Academia Cearense de Letras e do Instituto do Ceará

VITROLA

O sítio tão falado é terno como um abraço. Trinam canários e arrulham juritis.

O vento sopra.

O sol se oculta.

As árvores farfalham docemente. A vida gira no seio do meio-dia langoroso. Dentro da casa de campo há uma roda festiva. As moças cercam o rapaz acadêmico de Medicina.

Chegado de surpresa.

(Aquele que saiu garoto e voltou com presença de [encantar.

Conversam em delirio.

Todas.

Até a que perdeu o direito à felicidade.
Olhos, lábios, mãos e almas falam do passado.
Haverá passado quando há desejo de ser estável?
De repente, uma lembrança.
Uma vitrola em cima da mesa.
Uma vitrola do tempo em que não havia rádio no [Ceará. Canta...

Nenhuma hesitação em recordar. Há marulho de lágrimas dentro dos seres que se ca-[laram.

Voa uma sombra misteriosa.

Todos amam e sofrem quando a vitrola canta cantigas do tempo bom.

SONO E SONHO

Na noite morna pousa o silêncio como uma ave soturna A lua divaga na abóbada de apagado azul. Os frutos silvestres e as flores cultivadas crescem nos [campos além.

De raro em raro ouvem-se pios distantes.

Nenhum murmúrio estranho, senão sombras,
enquanto os seres humanos e os irracionais repousam.

Mas, outros, homens, mulheres e crianças acendem sor[risos

ou derramam lágrimas no mistério silente.

Deuses, duendes e pessoas jamais compreenderão todos os gestos líricos e palavras de carinho.

Dois olhares permutam anseios como estrelas incendidas

escondidas na meia claridade.

Deitar o meu rosto nos teus ombros perfumados, e dormir.

Tempos sem conta sonharei contigo, doce amor.

(Manoel Albano Amora. Manhã de Amor. Fortaleza, Edésio Editor, 1938, pp. 31-2; Céu Azul, Verde Mar. Fortaleza. Editora Henriqueta Galeno, 1973, p. 4.)

Embora se realize melhor nos estudos de História, matéria em que é um dos mestres em nossa terra (e que aqui não teriam cabida, dado o caráter estritamente literário desta coletânea), Manoel Albano Amora tem seu nome estreitamente ligado à poesia cearense da fase moderna: já em 1938, estreava ele com um livro de poesia, vazado em versos livres. Manhã de Amor. Precisamente desse livro transcrevemos "Vitrola", que também figura na Antologia Cearense, organizada pela Academia Cearense de Letras em 1957: pode-se apontar--lhe certas notas de romantismo, sobretudo através do vocabulário, mas disso jamais pretendeu fugir o autor: começa ele descrevendo o sítio com seus pássaros cantores e árvores farfalhantes, ao langoroso mormaço do meio-dia; segue-se então a entrada em cena das personagens, que darão um tom algo prosaico ao poema, com seu à-vontade coloquial: são rapazes e moças que ali foram gozar a doçura do campo e de onde se destaca a figura do acadêmico de Medicina; alguém lembra a vitrola (do tempo em que não havia rádio no Ceará...). Mas é justamente aqui, pelo som do gramofone, que se desencadeia toda a carga emocional do poema: todos, ao ouvir a música, amam e sofrem, recordando outros tempos (geralmente são melhores, para nós, os tempos passados, entrevistos por meio da saudade): destaque-se o verso Há marulho de lágrimas dentro dos seres que se calaram. Em "Sono e Sonho", bem mais recente, a dicção modifica-se um pouco pela presença de maior contenção e maior cópia de elementos conotativos: o poema é povoado de notas oníricas, com tons de mistério, traduzindo o sonho, fruto do perfume da mulher amada, infiltrada na composição por toda uma coleção de termos simbólicos.

MARGARIDA SABÓIA DE CARVALHO

Nasceu em Fortaleza, no dia 23 de setembro de 1905, vindo a falecer na mesma cidade, em 9 de junho de 1975. Diplomada pela Escola Normal, não chegou porém a exercer o magiste rio público, mas manteve durante anos um curso de preparação ao exame de admissão ao ginásio. Jornalista, militou principalmente no extinto *Diário do Povo*, de seu esposo, o escritor e poeta Jáder de Carvalho. Era filha de Eduardo Sabóia, o *Brás Tubia* da Padaria Espiritual. Cronista e contista, publicou *A Vida em Contos* (1964).

DESESPERO

Este conto nos mostra Julita, bela e sensual, casada, com o velho Laurentino, rico mas avarento, morando numa choça miserável. Acometido por um ataque, o velho jaz numa rede, chamando desesperado a mulher, que lhe foge aos apelos. Frequenta a casa o dr. Paulo, de olhos azuis. Um dia, Julita se descuida e o velho agarra-a, quase matando-a; dr. Paulo, como amigo, resolve interná-lo. Mas novo ataque fulmina o velho, que não suporta os olhos azuis do filho mais novo.

Nove horas da manhã, Julita move-se na miserável cozinha, entre panelas de barro, e canta. De tão alegre, parece mulher enamorada e não pobre criatura presa a uma vida sem graça. Será que vive mais de possíveis sonhos e fantasias, que a embalam, e menos da crua realidade?

Neste momento, lá de dentro vem um grito de homem. Grito ou urro. Na voz meio rouca, saída da garganta com dificuldade, vibra uma nota quase inumana. Brado de animal ferido e desesperado. As sílabas saem estropeadas e são sempre estas:

- Anda... Vem... Anda...

E remata, num supremo esforço, sem conseguir articular a primeira consoante: "adela..."

A vizinha, que vem pedir um "pauzinho de fosfo", diz à Julita:

- Vai, o pobre de "seu" Laurentino tá te chamano...
- E ela, numa confidência meio reticente:
- Num posso não. Ele qué é me "agarrá"... Sabe? desde que teve a congestão é assim nesse despropósito... num pode andá nem falá... mas prá outra cousa... Num posso tê fio dum homem doente, arrisca até a saí um aleijão...

Foi quando a vizinha lembrou:

- Mas o Toinho, que nasceu adispois da doença dele, é o mais bonito dos seu fio. Tem até olho azul...
 - Sorte, meu bem. Mas é arriscá muito...

A vizinha foi saindo. E lá dentro continuavam, em nota crescente, os gritos de animal acossado:

— Anda... Vem... Adela...

* * *

Bateu meia-noite há pouco. Na casa de "seu" Laurentino, rumor de passos. Alguém deve ter rodeado o quintal, depois de pular a cerca. Os passos estacam.

Dentro, alguém se levanta e, apesar da cautela, não pôde impedir o rangido da desconjuntada porta da cozinha. Com a cumplicidade do silêncio e das trevas, murmúrio de vozes, sussurro de beijos...

Lá no quarto minúsculo, "seu" Laurentino, como despertado por um aguilhão, põe-se a gritar. Com sobre-humano desespero tenta levantar-se da rede e cai no chão, miserável e vacilante. Ninguém o acode, livrando-o dos tijolos sujos. Tampouco alguém acalenta o choro de Toinho, acordado pelos gritos do pai. Felizmente a casa é isolada, os gritos do homem como os gritos da criança não foram ouvidos por vizinhos.

Pela manhã a vida retoma o curso normal. "Seu" Laurentino, todo sujo e arranhado de arrastar-se pelos tijolos encardidos, foi posto na rede. Toinho dorme ainda meio rouco de tanto chorar e Julita canta na cozinha, canta doces canções de amor.

Uma noite reuniram-se diversas pessoas, amigas de Laurentino, e lembraram a necessidade de mandar o doente para o Hospital da cidade mais próxima. Ele tinha muito dinheiro guardado em casa. Era dever de caridade empregá-lo no custeio do tratamento necessário. O farmacêutico, dr. Paulo, foi o mais convincente na decisão a ser tomada. E — disse ele — falava como compadre do paralítico e seu maior amigo:

— Esta pobre senhora tem a vida em perigo, se o doente continua aqui. Qualquer descuido e ei-la novamente às mãos dele. E pode até ser morta, tal o grau de excitação a que chegou o pobre doente.

Foram depois ao quarto do paralítico e o dr. Paulo deulhe conta do decidido, em palavras onde punha o acento da velha amizade. Era melhor para ele, Laurentino, que passava a ser tratado convenientemente e podia até — quem sabe? — recuperar a saúde.

O doente soltava grunhidos incompreensíveis e estava evidentemente agitado. E o pior eram seus olhos cravados nos olhos azuis do farmacêutico — estes inexplicavelmente tão parecidos com os olhos azuis de Toinho — E que guardavam, numa concentração lancinante, a expressão inconfundível do ódio impotente.

* * *

Laurentino não foi para o Hospital. Novo ataque levou-o ao túmulo poucos dias antes da data marcada para a remoção.

Com a morte do fazendeiro, foi-se a miséria. Julita vendeu terras e criações e mudou-se para a cidade. Hoje é casada com outro, conserva a mesma ânsia de vida e costuma dizer que, da existência passada, guarda apenas uma saudade: a do dr. Paulo, que foi sempre tão bom para ela...

(Margarida Sabóia de Carvalho. A Vida em Contos. Fortaleza, Editora "Instituto do Ceará", 1964, pp. 38-41.)

Na abertura de seu livro, adverte a autora não ser ele composto de histórias bonitas, com aquele happy end dos filmes de Hollywood. Isso, por haver contado casos vividos realmente "por criaturas em corpo e alma, debatendo-se entre agruras, azares e problemas do quotidiano". E afirma: "Não lhes inventei o destino, apenas o narrei." Em se tratando de ficção, dizem alguns mestres da Teoria Literária, pouco importa seja ou não verídico o fato narrado, desde que atinja à literariedade. Entretanto, não se pode negar o fascínio que envolve as narrativas fundamentadas em casos reais. Notadamente quando focalizam cenas algo escabrosas, como as desse conto, "Desespero", de cores neonaturalistas a que não falta o problema patológico, agravado pelo problema social: a doença do velho avarento propicia o adultério de sua bela mulher. Para que mais dolorosa se nos apresente essa estória, nem ao menos podemos pensar num amor real nascido entre Julita e o dr. Paulo, uma vez que ela termina casando-se com outro, tudo não tendo passado de uma aventura da carne, sem nenhuma grandeza. Os contos de Margarida Sabóia de Carvalho, bem como muitas de suas crônicas, tingem-se frequentemente de cores pessimistas. Daí aludirmos a um neonaturalismo.

CÂNDIDA GALENO

Cândida Maria Santiago GALENO — Nasceu em Russas, no dia 18 de março de 1918. Foi professora, tendo feito depois curso de Técnica de Educação no INEP, no Rio de Janeiro. Assistente Social do Tribunal de Justiça do Ceará, e atualmente Diretora da Casa de Juvenal Galeno. Faz parte da Academia Cearense de Letras e é neta de Juvenal Galeno. Publicou Naipes (1953), de parceira com Evangelina Acióli,

Heloneida Studart e Maria de Lourdes Vasconcelos Pinto, Trevo de Quatro Folhas (1955), com Elizabeth Barbosa Monteiro, Nívea Leite e Otília Franklin, Quinteto em Ritmo de Crônica (1975), com Carmelita Setúbal, Maria de Lourdes de Araújo, Olga Monte Barroso e Risette Cabral Fernandes, e Trovadores Cearenses (1976).

ROMANCE SEM PALAVRAS

Na manhã translúcida de junho, passam os primeiros vultos humanos para dar início à faina cotidiana: padeiros com suas cestas às costas fazem a distribuição do pão nosso de cada dia, leiteiros e verdureiros caminham tilintando vasilhas ou puxando burricos.

Mulheres também passam, na manhã translúcida de junho, em que o fresco hálito de serrana aragem nos bafeja o rosto — vão à missa na igrejinha próxima.

Dentro em pouco a doce tranquilidade, a completa solidão (só quebrada de longe em longe pelos passos tardos da ronda noturna) em que a noite amortalhou a cidade estarão dissipadas e ela ressurgirá para a vida, voltando ao ritmo diuturno do movimento e do trabalho.

Entretanto, em meio dessa sinfonia matinal, há alguem que ignora que o dia amanheceu, que o sol despontou. Esse alguém é Ricardo, aquele limpador de trilhos que todos os dias amanhece na minha rua.

Indiferente à beleza da manhã, ele não se deu conta de que o sol já vai alto. É que o sol de sua vida não surge, como o outro, do levante, não tem hora certa para despontar. O radioso sol de sua existência surge todos os dias do ocidente, de uma das esquinas da rua onde Ricardo trabalha. Por isso é que, enquanto de cabeça baixa vai limpando os trilhos do bonde do Benfica, levanta uma vez por outra os olhos na direção daquela esquina donde ela surge todas as manhãs.

Quando o vulto esquivo daquela esquiva mulher assoma lá no começo do quarteirão, o rosto ansioso do limpador de trilhos transforma-se: distende-o alegria tão juvenil, que Ricardo remoça, sacode-o entusiasmo tão vibrante, que ele não contém as mãos no impulso ligeiro do seu labor.

É de Sílvia, loira e fina, no seu costume azul-rei, sobraçando a pasta de trabalho, enquanto ajusta a corrente do relógio ao pulso delicado, a visão radiosa que os olhos de Ricardo vêem, vindo ao seu encontro. A onda doirada da sua cabeleira, envolvendo-lhe numa carícia a fragilidade dos ombros, aloira-se mais ainda, espraiando-se por sobre a tonalidade intensa do seu vestido azul. E, no seu andar saltitante de ave, ela inconscientemente se aproxima do ponto em que ele se encontra a contemplá-la embevecido!

Já está habituada a encontrar todos os dias, quando vai a caminho do seu emprego, aquele homem de trajes humildes e de traços rudes que está invariavelmente como que à espera de alguém. A princípio passava abstraída, indiferente, depois, aquela persistência lhe foi chamando a atenção, a ponto de já olhar para ele, no trabalho, quando passava ela no seu caminho.

Até que um dia... descobriu uma chama de adoração no olhar fervoroso em que ele a envolvia, um indício de amor naquele rosto que a presença dela iluminava.

Hoje, a mulher esquiva já sabe, sem que para tanto se pronunciasse uma palavra, que é por ela que o limpador de trilhos espera todas as manhãs, quer brilhe o sol, quer caia a chuva naquele trecho de rua.

Ao aproximarem-se não param, não se falam, olham-se apenas. E é por isso que Sílvia não desdenha daquela adoração muda que surpreende nos olhos dele, é por isso que não foge daquele amor impossível!

É que aquele homem lhe pede tão pouco, que negar-lhe seria desumano. Aquele só olhar que ela lhe manda todas as manhãs é o bastante para alimentar a chama que incendeia a alma dele, é o suficiente para colorir o sonho que lhe embeleza a existência. E aquela ternura que abrolha dos olhos da

moça, feliz por torná-lo ditoso, aquele sorriso que lhe aflora aos lábios, enchem todo o dia de Ricardo de tão mágico encantamento que ele não sente a rudeza do trabalho que executa. Como maldizê-lo, se é nele que encontra ensejo de vê-la cada manhã?!

O que Sílvia provavelmente não supõe e talvez nunca o saiba é que é ela o único raio de sol daquela vida e que para Ricardo o dia só alvorece quando a figura dela surge lá na esquina, a iluminar com a claridade de sua presença aquele trecho de rua...

(Antologia Cearense (1.ª série). Org. pela Academia Cearense de Letras. Fortaleza, Imprensa Oficial, 1957, pp 77-8.)

O texto aqui transcrito é uma crônica do livro Naipes (1953). Já inumeráveis vezes foi dito que a crônica não chega a ser um gênero perfeitamente autônomo, pelo fato de estar quase sempre oscilando entre o poema e o conto; na verdade, as crônicas que mais puras se apresentam dentro de seus cânones e de conformidade com sua etimologia são também as que mais depressa se desatualizam, não devendo assim sair dos jornais. No caso de "Romance Sem Palavras", de Cândida Galeno, temos o enredo de um conto, com o operário Ricardo a amar platonicamente a bela Sílvia, de quem talvez nem saiba o nome; mas, com o enfoque da autora, tecendo considerações em torno do drama nos parágrafos finais, configura-se a crônica, pelo menos numa das maneiras como tem sido praticada entre nós. Indiferente à economia verbal preconizada a partir do advento do Modernismo, a escritora prefere empregar uma linguagem ricamente colorida, a que não faltam alguns toques de romantismo. Esse romantismo, porém, está a nosso ver menos nesse amor, que tão pouco pede, do que na maneira de o drama nos ser apresentado, através da emoção da própria autora. Na verdade, ela não consegue pintar as cenas objetivamente, ou seja, de fora, como o autor realista desejava: a descrição da mulher, que desponta, radiante de beleza, é menos a impressão da escritora do que a do

próprio operário, empolgado nas malhas de sua grande paixão. A autora é, assim, a intérprete onisciente do drama dessas duas criaturas.

JOSÉ ALCIDES PINTO

Nasceu em Santana do Acaraú, em 23 de outubro de 1923. Jornalista, tem cultivado diversos gêneros literários, notadamente a poesia, o romance e o conto. Foi um dos inauguradores do movimento concretista no Ceará, em 1957. Residiu algum tempo no Rio de Janeiro, onde se formou pela Faculdade Nacional de Filosofia, sendo hoje professor do Departamento de Comunicação Social do Centro de Humanidades da UFC. Tem incursionado pelo teatro e pelo ensaio. Publicou, de poesia: Noções de Poesia & Arte (1952), Pequeno Caderno de Palavras (1953), Cantos de Lúcifer (1954), As Pontes (1955), Ilha dos Patrupachas (1960), Ciclo Único (1964), Concreto — Estrutura Visual-Gráfica (1965), Os Catadores de Siris (1966), Cantos de Lúcifer — coletânea (1966), e As Aguas Novas (1975); romance: O Dragão (1964, 2.ª ed., 1968), Entre o Sexo, a Loucura, a Morte (1968), Os Verdes Abutres da Colina e João Pinto de Maria (1974), O Sonho (1974) e O Enigma (1974); novela: O Criador de Demônios (1967), Estação da Morte (1968); conto: Editor de Insônia (1965); teatro: Équinócio (1973). É sua mais recente publicação: Comunicação (Ingredientes e Repercussão), Imprensa Universitária do Ceará, Fort., 1976.

ANTE O TÚMULO DE MINHA IRMÃ GERCI

Evito-te tristonho de amarguras para pensar em ti eu me reservo mesmo assim reservado inda me firo. Eu somente, e somente, em ti, padeço em tristezas e lembranças me magôo de sal meu corpo se reveste. Lírios despetalo em lágrimas no teu túmulo. Saudade-fel. Dor de mim mesmo e de ti.

Perdi-te eternamente isto asseguro librações de asas de anjo não escuto em teu silêncio-retiro. Túmulo. Enchendo de pesares meus redutos carregado de mármores e ciprestes evado-me do teu antro funerário e nunca existo nele tão presente.

EU

Eu sou eu. O fantasma de preto escanchado no arame do quintal sob a sombra das árvores e sob a sombra da lua misteriosamente colhendo o silêncio com as mãos invisíveis e tecendo uma mortalha com o nó dos dedos para vestir o próprio corpo.

Eu sou eu. Integro e inviolável dentro de mim mesmo. O que não se descobre. Anônimo sob minha própria espinha. Atual em minha sombra incorpórea, sem faltar um só dos meus gestos físicos.

Eu sou eu. O retrato destituído de vida. O gesto estático. O que está no limiar e afogado no abismo o que anda vestido e nu, sendo louco e poeta. Eu sou eu e sozinho. Diverso sobre mim e sob eu mesmo. Oculto e visível como a lua caída no poço.

Proclamado como o homem dentro da praça, no meeting, sacudindo com os gestos da boca palavras secas nos olhos da multidão.

Intocável e impossível como o que não se conhece e não morre.

O BEATO

Se há seca, se não há
mané-magro adivinhão
pousa aqui na minha mão:
balança a cabeça e espia
o céu de negro azulão

Mané-magro disse — não

Deixa bater na cabeça
deixa cantar nos ouvidos
deixa escorrer nos cabelos
e entrar pelos sentidos
esta chuvinha do céu

Vossos pecados se acabam vossos tormentos também! Rezai pelos que morreram de fome, rezai, AMÉM!

VISITAÇÃO AO TÚMULO DE PAULO CORDEIRO

Ali, entre muitas campas estava o amigo secreto do morto, parecia um anjo (apesar de seus cabelos brancos) e certo aborrecimento da vida contraindo-lhe a boca

Vestia um fraque preto e sempre de cerimônias como se acaso tomasse chá à presença de moças, o triste amigo de Paulo Cordeiro o poeta Antônio Santos

Ante o túmulo do amigo e a tarde ele tentou fazer uma poesia erótica que lhe lembrasse momentos de vida do amigo morto: mas a caneta não escrevia, o papel não aceitava suas idéias lúgubres

Então, ele agora, trágico e lúcido rebelou-se contra o amigo morto e a tarde, seus utensílios inúteis de poeta: blasfemou contra as boninas que entre as campas recendiam

(José Alcides Pinto. Cantos de Lúcifer — Poemas Completos. Rio de Janeiro, Edições GRD, 1966, pp. 17; 125; 131; 146.)

Prefaciando os poemas completos do autor — Cantos de Lúcifer —, observou Cassiano Ricardo que essa coletânea revelava "a inquietação do poeta múltiplo e uno que é José Alcides Pinto", o que o levou a afirmar adiante: "Discordando de si mesmo em cada livro, e às vezes no mesmo livro, o poeta reúne assim as suas discordâncias num só acordo." É que na verdade é o poeta um inconformado (talvez devêssemos dizer um possesso, dada sua predileção pelo Demônio e seus mistérios). Mas uma nota parece dominar todas as facetas de sua arte: a presença da morte, que por sinal surge no título de dois de seus livros. No primeiro poema reproduzido, ela, a morte, toca o poeta de perto, pois é diante do túmulo de sua irmã que ele despetala os lírios em lágrimas; poeta cerebral, deixa ele no entanto rastros de sua profunda emoção nesse poema, em que lamenta uma perda irreparável; e, mesmo abandonando o túmulo e o cemitério, há de ficar seu pensamento junto à morta. Mas, se usou versos curtos (com predomínio do decassílabo em "Ante o Túmulo de Minha Irmã Gerci", o mesmo não veremos na composição seguinte, "Eu", em que o autor, como que parodiando Augusto dos Anjos, tenta definir-se em face dos mistérios da existência: os versos aqui são livres e longos, traduzindo um desabafo: as coisas são transfiguradas por densa atmosfera surrealista, mas não é difícil depreendermos estar o poeta reconhecendo precisamente aquela aparente incoerência de que falava Cassiano Ricardo; nem é outra coisa o que faz o escritor confessar-se o que anda vestido e nu, sendo louco e poeta, ou ainda o que está Oculto e visível como a lua caída no poço. "O Beato" mostra-nos uma face nova do poeta, com a nota de regionalismo, que transparece de princípio no metro de caráter popular empregado, a redondilha maior; primeira parte de "A Pastoral dos Aflitos", mostra-nos as crendices sertanejas ligadas à preocupação secular do nosso homem do campo: a seca; mas, mesmo ante a perspectiva de bom inverno, surge a desgraça por antítese à lembrança dos que morreram de fome Na "Visitação ao Túmulo de Paulo Cordeiro", adensa-se ainda mais a presença da morte, em face da paisagem e da ausência do amigo do poeta Antônio Santos (pseudônimo de Antônio Girão Barroso, a quem aliás é dedicado o poema).

FRANCISCO CARVALHO

FRANCISCO de Oliveira CARVALHO — Nasceu na cidade de Russas, em 11 de junho de 1927. Fez os primeiros estudos em sua cidade natal, mudando-se mais tarde para Fortaleza, onde trabalhou no comércio durante alguns anos, enquanto colaborava nos principais periódicos. É atualmente alto funcionário da Reitoria da Universidade Federal do Ceará. Detentor de vários prêmios, publicou: Cristal da Memória (1955), Canção Atrás da Esfinge (1956), Do Girassol e da Nuvem (1960), Cântaro de Pedra (1964), O Tempo e os Amantes (1966), Dimensão das Coisas (1967), Memorial de Orfeu (1969) e Os Mortos Azuis (1971).

SONETO À RENDEIRA

O linho é uma oração remota, nesse fluir fabril do fio para a flor.
Move-se o coração da moça, e esquece o tempo prisioneiro, em derredor

da sombra esguia que à almofada tece. Move-se, em seu afã modelador de paz, o mito imemorial da prece que do limbo da morte inventa o amor.

Movem-se dentro dela o sol e o vento. Move-se o mar, e os pórticos se movem das águas em perpétuo movimento...

Move-se a gênese em seu corpo jovem. E, enquanto o olhar medita, os dedos tecem gestos de amor que os lábios não conhecem.

XXXIX

Meu pai semeador de cicatrizes
na terra emancipada do dilúvio.
Quantas vezes a seiva das raízes
cantou em mim os versos do futuro.

A PER LINE DE L'ANDER DE L'ARTE L'ARTER LE L'ARTER DE L'ARTER L'ARTER L'ARTER L'ARTER L'ARTER L'ARTER L'ARTER

Teus sapatos de lama eram tão doces aos meus ouvidos, cheios de palavras. Teu coração boiava nos tijolos: antigamente o Cristo sobre as águas.

Teu cenho, anexo ao verde da lavoura, crescia, ao fim das tardes amarelas, sobre os confins da terra e dos espaços.

Teu olhar de profeta, em cada coisa, ia apontando o rumo das estrelas aos gestos que nasciam dos meus braços.

CADEIRA DE BALANÇO

Cadeira de eterno vime, feita de pluma e cipó. Antes foi de meu avô, foi depois de minha avó.

Cadeira de eterno vime, silente na antiga sala.
Outrora embalou meninos, hoje só mortos embala.

Cadeira de eterno vime, feita de pluma e cipó.
Antes foi de meu avô, foi depois de minha avó.

Cadeira na madrugada,
ao redor fantasmas muitos.
Outrora embalou destinos,
hoje só embala defuntos.

Cadeira de eterno vime,
feita de pluma e cipó.
Primeiro foi meu avô,
depois morreu minha avó.

Cadeira fora do tempo,
boiando nas horas calmas.
Outrora embalou desejos,
hoje só embala fantasmas.

Cadeira que em movimento restaura o enigma na sala.
Outrora embalou cansaços, hoje suspiros embala.

Cadeira de eterno vime, feita de pluma e cipó. (Hoje só embala a saudade na ronda da noite só.)

HOMENAGEM

Na face amarrotada
vincada pelos dias
o perfil mais se apura
do teu nariz de lágrimas.
Mais cresce o amor de Mãe
para agarrar o filho
com seu visgo e ternura
solidão plenitude.
Amor ao desamparo
de tudo que fenece

aos olhos deste mundo que só de desconsolos o homem se abastece. Amor que de tão calmo floresce até na ausência para que o ser amado não sofra da presença. Amor que nos trespassa durante o tempo inteiro eterno enquanto chama no olhar arde em segredo. Do longe em que te busco com os olhos da memória bendigo-te essa face vincada de suspiros e esse rosto em desuso voltado para os filhos que ao tempo foram d ados pela luz dos teus dedos. Na noite que se alastra por cima dos meus sonhos basta que se debruce o teu perfil de lágrimas.

(Francisco Carvalho. Dimensão das Coisas. Fortaleza, Ed. Instituto do Ceará, 1967, p. 96. Memorial de Orfeu. Fortaleza, 1969, pp. 102-74; Os Mortos Azuis. Fortaleza, Imprensa Universitária, 1971, pp. 15-6.)

Conquanto muitas vezes descambe para o mais cerrado hermetismo, a poesia de Francisco Carvalho é das maiores de nosso momento literário; pensamos haver selecionado alguns de seus poemas em que menos ostensivas se mostram as manchas surrealistas, isso não querendo dizer, todavia, que não tragam aquele mistério vocabular, pleno de conotações, que faz da poesia moderna um campo aberto a várias interpretações. Do ponto de vista artesanal, os versos transcritos exemplificam muito bem, a nosso ver, o resultado da revolução estética desencadeada pela chamada Geração de 45, no sentido de um retorno à disciplina do verso, em face do desgaste do verso livre 82 (o que, para a miopia de alguns, pareceu um retrocesso, como se a modernidade de um poema residisse na métrica). Embora pratique o versilibrismo, é precisamente nos metros chamados tradicionais que melhor se realiza o poeta. O "Soneto à Rendeira", composto em decassílados, não desdenha a rima, disposta no esquema ABAB ABAB CDC DEE; através de algum hermetismo sentimos o desabrochar da mulher na jovem tecelã: embalado pelo fluir fabril do fio para a flor — onde a aliteração figura como ilustração sonora —, o coração da moça vai-se resolvendo em amor, amor que lhe desperta a sensualidade. Já o soneto n.º XXXIX (do Canto 3.º de Memorial de Orfeu), segue o metro decassilábico, mas as rimas não são regulares: umas consoantes (cicatrizes/ raízes, amarelas/estrelas, espaços/braços), outras toantes (dilúvio/futuro, palavras/águas, lavoura/coisa), ou ainda atenuadas (doces/tijolos), sendo que as duas que grifamos podem ser classificadas como peneconsoantes; é carinhosamente evocada a figura do pai, sempre ligada à terra; há saudade nessa lembrança (Teus sapatos de lama eram tão doces/ aos meus ouvidos, cheios de palavras), sendo digna de destaque a beleza fônica e conceitual do último terceto. Ainda do mesmo livro, "Cadeira de Balanço", nos parece um de seus mais felizes momentos, notadamente pelo caráter de cantiga popular, construída em versos de 7 sílabas (redondilha maior): a simples contemplação de uma cadeira faz emergir toda a sua paleontologia: o avô, a avó, os meninos, ou ainda os destinos ou os desejos que embalou; agora, ela embala os defuntos, os fantasmas, as recordações que desperta, ou melhor, as saudades de outros tempos; à maneira das trovas do povo, as estrofes rimam em ABCB, não se vericando portanto rima do verso 1.º com o 3.º, sendo que em duas estâncias são toantes (muitos/defuntos e calmas/fantasmas). No poema "Homenagem", de Os Mortos Azuis (1971), os versos são hexassílabos, e a figura evocada é a da mãe, cujo amor surge portando "visgo e ternura", tratando-se de um amor que de tão calmo / floresce até na ausência / para que o ser amado / não sofra da presença, com o que traduz o poeta a quintessência do amor materno, feito até de renúncias. O pouco que apresentamos e dissemos da poesia de Francisco Carvalho é todavia suficiente para mostrar sua grandeza.

IRANILDO SAMPAIO

IRANILDO Fernandes SAMPAIO — Nasceu em Assaré, no dia 20 de novembro de 1930. Após os primeiros estudos em sua cidade natal, mudou-se para o Crato, onde cursou o ginásio no hoje Colégio Diocesano. Transferindo-se por fim para Fortaleza, aqui concluiu o curso colegial. Publicou: A Lâmpada de Deus (1956), O Outro Lado da Tarde (1959), O Anjo e o Fim (1965), A Teoria das Coisas (1971), este anteriormente publicado na revista Clã n.º 24, de dezembro de 1968, e Os Deuses Maduros (1975).

ELEGIA DA BUSCA

Não pousarei meus olhos onde os pássaros com seu amplo cantar de tanta aurora na garganta Sangraram meus ouvidos.

Não pousarei meus olhos nos teus dedos pesados, porque a manhã que surge atrás de teus cabelos não é a alternativa nem a busca daquilo que sonhamos e não fomos.
Sim. Não pousarei meus olhos no teu mundo insular.

Carregarei nos ombros o peso desses dias que virão sem rosas e sem horas, até que a tua face liquefeita se espedace em manhãs.

ELEGIA

Mastigarei meu medo no espanto dessas rosas que o vento sacode sobre os meus pés.

Mastigarei meu pasmo.

Mastigarei esses becos anônimos onde nunca abracei amadas inibidas,

e essas árvores cujos frutos apodrecem em minhas costas.

Mastigarei a dura realidade do que sou ao despertar do último clarim nos ouvidos do deus que me absorve.

Mastigarei o abismo onde o luar e a hora me amedrontam.

(Não serei esse tipo de homem que esconde a personalidade atrás da porta, e sai para o trabalho com um sorriso oculto sob a barba ou sob os movimentos que o patrão controla com um simples acionar de dedos.)

Mastigarei, enfim, o que nunca serei além deste punhado de esperanças, que um dia atirarei pela janela.

TEORIA DO TÉDIO

O tédio de estar só.
O tédio de receber a solidão no tato do intocável.
Ah! a dor das horas que ficaram vazias no tédio de estar só.

O azul das mãos irreverentes que apalpam o mistério de Deus em nossos gestos.

Angústia e medo de partir quando não há caminhos nem sapatos.

O tédio de estar só. Frio abismo de um amplo pesade!o.

POEMA DO REFUGIO

O momento é de eclipse.

O mundo entre duas soluções: o enorme espaço

e o seu vazio luminoso.

No entanto o céu é tão pequeno e as estrelas aparentemente próximas.

O olho limitado por todas as distâncias.

Já não tenho manias.

Pago ao tempo o tributo dos meus cabelos.

Pouco a pouco acumulo-me e amadureço como um

[fruto

que depois cairá.

O sol, os sóis, a mesma angústia a vida inteira.

Procuro colher uma rosa e furo o dedo nos espinhos.

Procuro pensar em tanta coisa mas adormeço.

O cérebro é um esquema.

O meu, no entanto, é um anelo entre o que sou e a paciência de Deus.

Os costumes me intimidam.

Penetram na minha cabeça e se sacodem como se estivessem molhados.

Por isto tanta coisa acontece dentro de mim.

Sou estranho a mim mesmo.

Desconheço-me.

O pouco que fui dentro do que sou, cotidianamente.

O Deus da ida é o da volta.

Continuo inalterado.

Por isto quero saber onde os pássaros acordam. Quero gritar, quero pensar, quero qualquer incidente

A dor de ser o que sou não basta.

O sono pesa.

Vou fechar os olhos e acordar ingênuo.

Então a vida calará, e as lágrimas, frias, fugirão para o fundo do olho.

(Antologia de Poetas Cearenses Contemporâneos, cit., p. 107; Iranildo Sampaio. A Teoria das Coisas. Fortaleza (sem indicação de editor) 1971, pp. 20; 25; 59-60.)

A arte de Iranildo Sampaio se realiza em versos livres, geralmente longos, inesperadamente cortados às vezes, e banhados de intenso hermetismo: em todos os poemas, vamos encontrar a mesma dor profunda, a mesma angústia que é mais existencial do que eventual, sendo a presença de Deus uma de suas constantes. O primeiro poema apresentado, anterior a 1965, mostra-nos o lírico amoroso; mas o hermetismo apenas esconde a causa de uma grande dor. Esta já se vai manifestar em toda a sua plenitude através dos poemas que se seguem, todos do livro mais recente: "Elegia" surde-nos como o desabafo de um homem diante da "dura realidade" que o esmaga, exprimindo ele sua revolta contra os que se acomodam dentro da engrenagem social e burocrática; ele não será o que espera ser, mas ainda assim não deixará de revoltar-se. Na "Teoria do Tédio" sente o poeta a solidão através do tato do intocável: o tédio é o nada, mas um nada que dói terrivelmente, não havendo definição mais precisa desse estado d'alma do que o verso final do poema, um decassílabo, talvez involuntariamente: Frio abismo de um amplo pesadelo. Por fim, o "Poema do Refúgio" vem-nos revelar como que o cansaço do autor diante do absurdo da vida; ele mesmo sabe ser um fruto maduro / que depois cairá; seu cérebro é nada mais que um desejo entre o que ele é e a paciência de Deus; quer ele gritar, lutar, fazer qualquer coisa, mas terminará fechando os olhos, com a esperança de voltar a não pensar, a não angustiar-se: em suma, desejaria não pensar em mais nada, já que nada tem sentido. Francisco Carvalho, prefaciando A Teoria das Coisas, escreveu: "Toda a sua poesia como que se exterioriza em termos de colocação conflitual, de fustigamento do homem em face da realidade, que se lhe apresenta como um desafio". Traduzindo sua perplexidade numa forma desconcertante, o poeta constantemente corta o verso inesperadamente: rosas que o / vento sacode; o luar e a hora me / amedrontam esconde a / personalidade, etc. Vemos nisso perfeita adequação entre fundo e forma, conciliando-se esta com uma poesia que podemos chamar de apocalíptica.

CARLOS D'ALGE

CARLOS Neves D'ALGE — Brasileiro por opção, nasceu em Chaves, Portugal, no dia 24 de julho de 1930. Formado em Direito, Pedagogia e Letras, fez vários cursos de aperfeiçoamento e especialização no Brasil e no Exterior. Exerceu o cargo de Pró-Reitor de Extensão da Universidade Federal do Ceará, sendo atualmente professor de Literatura Portuguesa do Centro de Humanidades da UFC, e de Língua Portuguesa e Literatura Portuguesa do Centro de Ciências Humanas da Universidade de Fortaleza, do qual já foi Diretor; em 1973 ministrou cursos de Literaturas Brasileira e Portuguesa na Universidade de Colônia, Alemanha. Publicou: A Solidão Maior (1960), poemas, Aspectos da Nova Literatura Portuguesa (1965), Lingua e Composição (em colaboração com Luiz Tavares Júnior e José Alves Fernandes — 1968), Terra do Mar Grande (1970) e Universidade e Política Educacional (1971), além de várias plaquetas e ensaios estampados em revistas especializadas.

HECATOMBE

O homem sorriu
amargamente
apontava uma nuvem de fumo,
(ninguém sabia se era manhã ou noite)
atmosfera carregada de ódio
o rio transformado em pó
água que desaparece no abismo
em fuga para o infinito.
O resto é lágrima
sofrimento
derrota

Longe muito longe
um gigantesco cogumelo
rompeu os ares
e foi beijar o sol.
(um beijo carregado de urânio)
A ilha foi lançada ao espaço
emudeceu a floresta
nenhum corvo agitou a negra asa
não amanhecera
nem anoitecera.

Homens-máquina de binóculos e fardas coloridas marcham, estações de radar a postos.

Não eram homens apenas ponteiros relógios detonadores contadores Geiger.

No dia apocalíptico
a violência clamou aos céus
a terra gemeu
convulsamente
Noite impassível
dia espúrio.
Algum tempo depois
o cogumelo desceu das trevas
carreando a morte
destruindo milhares de óvulos
nos ventres das mulheres.

Os homens-relógio continuavam a marchar em vez de olhos ponteiros em lugar de coração detonadores.

Na hecatombe
que se aproxima
o sangue se confundirá
com a lágrima,
os homens não perceberão
o pássaro na árvore
o trigo no campo.
A semente da vida
se extinguirá
em lugar de olhos
regatos secos.

Os homens-detonadores continuarão, ante a loucura final quem os pode deter?

(Antologia de Poetas Cearenses Contemporâneos, cit., pp. 67-9.)

Retratando a angústia do homem moderno em face do progresso da velha arte de matar, notadamente após a amarga experiência de duas grandes guerras mundiais e outras tantas de menor âmbito mas de poder destrutivo cada vez maior, o poeta coloca-se bem no meio do conflito, falando-nos da nuvem de fumo que enoitece o dia (ninguém sabia se era manhã ou noite), o que, simbolicamente, talvez possamos traduzia pelo crepúsculo da humanidade e o despertar de uma nova era sem horizontes. Pondo-se no centro dac onflagração, como aventamos, o autor ora narra fatos no pretérito (Longe muito longe / um gigantesco cogumelo / rompeu os ares / e

foi beijar o sol), ora testemunha acontecimentos presentes (Homens — máquina / de binóculos / e fardas coloridas / marcham), ora prevê a matança final, continuação e coroamento trágico das desgraças a que vem assistindo: Na hecatombe / que se aproxima / o sangue se confundirá com a láarima. E esses homens-máquina (adiante homens-relógios ou homens detonadores), justamente por não serem homens, mas relógios, ou contadores Geiger, figuram a impessoalidade das guerras atuais, onde, ao contrário das antigas batalhas, se anula o homem como indivíduo, como herói, passando a compor toda uma armação de engrenagens cibernéticas. O clímax do poema reside nas três estrofes derradeiras, quando, após a detonação da bomba desintegrada de átomos, milhares de óvulos vão sendo destruídos no ventre das mulheres, ameaçando dizimar a espécie: os homens-máquina continuam avançando impassivelmente, fazendo desaparecer a poesia da face do planeta. Por fim, pergunta o poeta, falando dos robôs: quem os pode deter? Interrogação que evidentemente ficará sem resposta... Vazado em versos curtos em sua maioria, o poema como que traduz, com isso, frases entrecortadas pelo medo que se apodera da humanidade, diante de seu irremediável fim.

EUSÉLIO OLIVEIRA

Nasceu em Fortaleza, no dia 3 de janeiro de 1933. Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito da UFC, exerce a advocacia e milita na crítica teatral e cinematográfica. Participou, em 1957, do movimento concretista do Ceará, ao lado de Antônio Girão Barroso, Alcides Pinto e outros; nesse ano, lançou, com seu irmão Eudes Oliveira, o "Manifesto Recentista", da vanguarda. Dirigiu o suplemento literário "Literarte GN", da Gazeta de Notícias, e figura em várias antologias de vanguarda, nacionais e internacionais. Publicou: Três Dedos de Orfeu (1955), com Gilney Mourão Teixeira e Esther Barroso e Poegramas (1958), com Eudes Oliveira.

COR

VOO VOO

SOLVO

NO

CURVO

VOO

DO

CORVO

ave ávida

THE RESERVE OF A STATE OF THE S

de vida

e distância

na

ânsia do azul

ELEGIA À MULHER DESCONHECIDA

tua sombra
germina tardes imaturas
nas florestas carboníferas
salpicadas
de musgos e violinos

lembrança elétrica de momentos que passaram

indecifrável esfinge

flor enferma samambaia solitária de gestos e mãos cheios de ocaso

delírio dos cata-ventos acenas com o lenço do arco-íris na corola azul de uma rosa crucificada sarça de ausência e saudade corpo sol/cremado de pedras

quero teus seios amputados cobertos de cartolina

virgem morta
no mês de agosto
o vento leva teus cabelos de vidro
e louca corres
tocando a flauta da desventura.

(Originais datilografados pelo autor.)

Esclarece Maria Luíza Ramos: "Reagindo contra o verso discursivo, e até mesmo eloquente (...), os poetas contemporâneos começaram por explorar as unidades mais significativas do discurso, chegando a desprezar as palavras funcionais que estabelecem o elo sintático e culminando na exploração de vocábulos combinados por uma sintaxe plástica, ou na utilização da palavra-frase distribuída na superfície da página de diversas maneiras." 83 É o que verificamos em Eusélio Oliveira, através do primeiro poema transcrito: o poeta se serve da combinação dos vocábulos COR + VÔO e SOE + VÔO por se assemelharem, do ponto de vista gráfico, assim seguidos, aos vocábulos CORVO e SOLVO, respectivamente. Deslumbrado pela cor (do céu e da ave talvez) e pela luz solar, na amplidão onde voa o corvo, o poeta resolve tudo isso no próprio vôo da ave, que é CURVO (outro vocábulo que funciona como variante, com a alteração de um só fonema). Quanto ao aspecto plástico da composição como um todo, a distância considerável entre as palavras das duas primeiras linhas sugere-nos a amplidão do céu e a distância a que se encontra a ave; e o E no centro do poema não poderia ser a inicial do nome do autor, integrado na paisagem.

ou apenas um eixo geométrico? Observe-se por outro lado que o poema está pontilhado de aliterações expressivas; é que, segundo ainda observação da autora citada, "é curioso lembrar que, apesar de os poetas concretos se voltarem francamente contra o culto do valor musical do verso, muitas de suas composições exploram (talvez inadvertidamente) o estrato fônico na constituição do objeto poemático". 84 No caso de Eusélio Oliveira, é evidente que a onomatopéia foi intencional. No segundo poema, explorando ainda as combinações de sílabas, numa seqüência quase de rimas coroadas, o autor fala-nos, como se vê, da ave que, ávida de azul, de espaço, só encontrará vida em seu elemento, a amplidão; mas, note--se, ao invés de os vocábulos irem surgindo em escala ascendente, para figurar a subida da ave, temo-los em ordem decendente; seria o caso de admitirmos (como nos sugeriu o poeta Linhares Filho) que a ave, por ser da terra, tem de a ela descer, não obstante sua avidez de distância que, aliás, vai aumentar ainda mais quando ela estiver na terra, o que afinal vai fazê-la voar novamente. Na "elegia à mulher desconhecida", já não mais de caráter concretista, constatamos forte sopro de surrealismo hermetizando a mensagem: vê-se que o poeta mistura lugares-comuns (indecifrável / esfinge), notas decadentistas (flor enferma) ou simbolistas (gestos e mãos cheios de ocasos), uma alusão à virgem morta (que tanto assume conotações românticas como nos faz lembrar inevitavelmente o famoso soneto de Bilac), a figuras que só podem ter lugar no mundo onírico: (florestas carboníferas salpicadas / de musgos e violinos, seios / amputados / cobertos de cartolina, cabelos de vidro, etc.

OUTROS NOMES

Dentre tantos outros, vêm-nos ainda à memória os nomes de YACO FERNANDES, poeta inédito em livro; o já citado NERTAN MACEDO, com suas incursões pelo poema; F. ALVES DE ANDRADE (cujo "Farol do Mucuripe", poema de 1936, figura na Antologia de Poetas Bissextos do Ceará, de

Artur Eduardo Benevides), DEUSDEDITH DE SOUSA, poeta, autor de Rosa Transcendente — 1956, JAIRO MARTINS BAS-TOS (autor de Orpheo — 1961), JOSÉ MAIA, contista ainda inédito em livro, SINVAL SÁ, paraibano de nascimento, que residiu vários anos no Ceará, contista e romancista (Fuga ---1960 e O Vinagre e a Sede — 1965); ABDIAS LIMA, com vários livros de crítica literária e gramática, autor do romance Cais Caos — 1970, CIRO COLARES, cronista, autor de vários livros no gênero; ainda CAIO PORFÍRIO CARNEIRO (Trapiá -1961), JUAREZ BARROSO e YOLANDA GADELHA TEÓ-FILO, que escreveram ficção fora de nosso Estado, contistas os dois primeiros, romancista a última, sendo dignos de nota, como divergentes, os poetas NERY CAMELO, ADAUTO GON-DIM (consagrado cultor da trova, de renome nacional), FRAN-CISCO CAPIBARIBE, FERREIRA NOBRE, BATISTA SOA-RES, JOSÉ MAVIGNIER, e ainda LUCAS ANDRADE, AL-TEVIR ALENCAR, ANTÔNIO DE OLIVEIRA RAMOS, VAS-QUES FILHO, CORNÉLIO PIMENTEL, REBOUÇAS MA-CAMBIRA (que se destaca também como excelente tradutor), ANGELICA COELHO e outros.

OS NOVOS

Designação algo imprecisa, não indica aqui os que nasceram realmente de certa data para cá, mas os que têm surgido literariamente em tempos mais recentes, com uma arte que reflete a contemporaneidade, em que coexistem (mesmo no plano nacional) tantas e tão diversas tendências, todas válidas.

NONATO DE BRITO

Raimundo NONATO DE BRITO — Revisor da Imprensa Universtária do Ceará. Poeta e contista, não publicou ainda livro, mas figura em várias antologias não só do Ceará, mas do Sul do País.